

# União de mulheres combate maus-tratos

**ONG forma promotoras para conscientizar vítimas da violência na periferia de Porto Alegre**

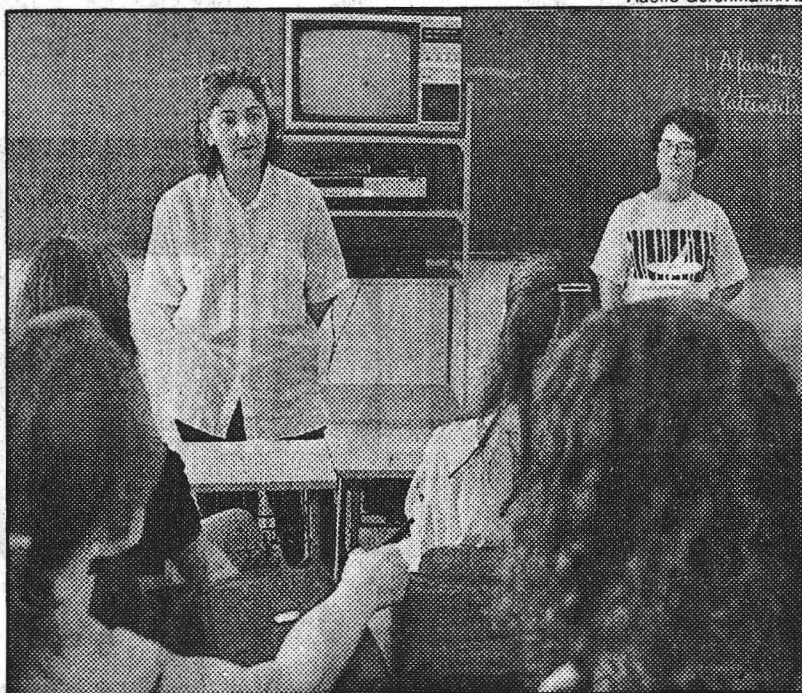
AYRTON CENTENO

**P**ORTO ALEGRE — Mãe de oito filhos, a faxineira Maria Salete da Silva Pinto, de 42 anos, viveu um inferno na sua casa. Casada aos 18 anos, viu o marido perder o emprego e a casa e passar a beber. O casal e os filhos foram viver, sob brigas constantes, numa barraca de lona num terreno cedido no bairro Restinga Nova, na Zona Sul de Porto Alegre. Desesperada, Maria Salete foi à delegacia de polícia mais próxima pedir "pelo amor de Deus que tirem aquele homem de lá".

Ouvindo a seguinte resposta do delegado: "A casa estava limpinha? Fizestes a comida direitinho?" Apesar do insulto, Maria Salete tornou-se uma promotora legal popular, título pomposo mas de eficácia na periferia de Porto Alegre. Ela já ajudou mais de cem mulheres que viviam um cotidiano igual ou pior ainda que o seu, marcado pela humilhação, o cárcere privado, o espancamento e a tortura.

Maria Salete descobriu seu próprio caminho, mas foi uma organização não-governamental (ONG), criada por mulheres em 1993, que lhe ofereceu o instrumento que mudaria sua vida. Ela fez o curso de Formação de Promotoras Legais Populares, promovido pela Themis — Assessoria Jurídica e Estudos do Gênero —, integrada por advogadas feministas, com respaldo das fundações Ford e MacArthur, também da Organização das Nações Unidas (ONU). O objetivo da Themis é facilitar o acesso da mulher à Justiça.

**Multiplicar** — Trinta e cinco promotoras iguais a Maria Salete, que atuam na Restinga, brotaram do curso da Themis, de 35 horas, ministrado ao longo de quatro meses. Bairro operário com 150 mil habitantes, distante 1 hora e 10 minutos de ônibus do centro da cidade, a Restinga sofre com os problemas comuns da



A promotora legal popular Maria Salete (E): insulto até do delegado

periferia: pobreza, desemprego, violência e tráfico e uso de drogas.

As promotoras que a Themis prepara são lideranças comunitárias, geralmente de baixa renda, que se tornam conscientes de seus direitos. Mais do que isso, são capazes de esclarecer outras mulheres sobre direitos humanos e constitucionais, funcionamento da Justiça, violência doméstica, discriminação racial, direitos reprodutivos, aborto, divórcio e etc.

"São elas que, por exemplo, acompanham uma dona de casa espancada, que, amedrontada, na maior parte das situações nem sabe o que fazer, à delegacia de polícia, ao fórum, ao Instituto Médico Legal", observa uma das militantes da Themis, a estudante de direito Samantha Buglione, de 20 anos. "Ninguém usa um direito se não sabe que ele

existe", justifica. O grande trabalho das promotoras é multiplicar conhecimento e consciência.

**Horrores** — Não é fácil. "Tivemos até de 'roubar' uma mulher de casa, aproveitando a ausência do marido", relata Jussara Barros, de 40 anos, outra promotora formada na Restinga. Depois de apanhar do marido durante dois anos, E., secretária, foi levada para a casa dos pais, em Santa Maria, na região central gaúcha, com sua filha.

Jussara e Salete narram um desfile de horrores. S., faxineira, era obrigada a praticar sexo com o marido drogado na frente de seus qua-

tro filhos pré-adolescentes. Com o marido também drogado, A. submetia-se a ser presa em casa, fechada com cadeado sempre que ele saía. Encarcerada, entrou em trabalho de



**CURSO DE 4 MESES JÁ FORMOU 35 ALUNAS**

parto e teve um bebê sozinha. Outra mulher era torturada sistematicamente pelo companheiro. Quando se recusava a fazer sexo, ele a queimava com cigarro.

**Tabela** — Samantha entende que "mais de 65%" das mulheres da Restinga que procuram o Serviço de Informação à Mulher (SIM), outro projeto da Themis, relatam problemas ligados à violência doméstica. Frequentemente, o marido espancador recebe uma multa de R\$ 36,50. "Há uma tabela do Judiciário para isso, o que considero a banalização de uma situação grave", critica.

"Apanhar e passar fome não é nada para muitas mulheres que consideram mais importante ter alguém que a sustente", explicava Maria Salete, na semana passada, para uma plateia nova na sua experiência. Ela e Jussara relataram o cotidiano de uma promotora forjada na vila para os alunos de direito da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Para Samantha, apenas o esclarecimento e a capacitação das donas de casa poderão ser uma solução duradoura.